

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS  
EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

MARIA BETHÂNIA DE ARAUJO

CONSTRUINDO UM ESPAÇO EDUCADOR SUSTENTÁVEL:  
Proposta de intervenção no CEEBJA Campo Comprido em Curitiba

Matinhos/PR

Junho/2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS  
EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

MARIA BETHÂNIA DE ARAUJO

CONSTRUINDO UM ESPAÇO EDUCADOR SUSTENTÁVEL:  
Proposta de intervenção no CEEBJA Campo Comprido em Curitiba

Relatório de Projeto de Intervenção apresentado ao programa de Pós- Graduação em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis, da UFPR, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental.

Professor orientador: André Essenfelder Borges

Matinhos/PR

Junho/2015



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
UFPR Litoral  
Curso de Especialização Educação Ambiental com  
Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador Professor Mestre **ANDRÉ ESSENFELDER BORGES**, realizaram em 27/06/2015 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **MARIA BETHANIA DE ARAUJO**, sob o título "**CONSTRUINDO UM ESPAÇO EDUCADOR SUSTENTÁVEL**":

**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO CEEBJA CAMPO COMPRIDO EM CURITIBA**", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 27 de junho de 2015.

  
Prof.º Msc. **ANDRÉ ESSENFELDER BORGES**

  
Prof.ª Dra. **LENIR MARISTELA SILVA**

  
**MARIA BETHANIA DE ARAUJO**  
Estudante

### Conceitos de aprovação

**APL** = Aprendizagem Plena  
**AS** = Aprendizagem Suficiente

### Conceitos de reprovação

**APS** = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
**AI** = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este pequeno texto a todos aqueles que tiveram que suportar dias de mau humor, grosserias e *stress*, mas, que sobreviveram brilhantemente a mais esta etapa do meu crescimento profissional e pessoal.

Para que esta especialização se concretizasse muitas pessoas colaboraram de diferentes formas. Neste espaço, dedico a cada uma delas palavras sinceras da mais profunda gratidão.

Agradeço à família que soube transformar o tempo das aulas em aprendizado e diversão, escolhendo sempre estar junto nos finais de semana.

Agradeço à direção das escolas que souberam entender a necessária ausência em sábados letivos, nos quais os calendários impediam a presença em dois lugares ao mesmo tempo.

Agradeço aos colegas de trabalho que contribuíram para a realização do projeto, dedicando tempo e esforço na construção de um lugar melhor.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou  
um ser condicionado, mas consciente do  
inacabamento, sei que posso ir mais além dele.

**Paulo Freire**

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo explicitar o trabalho desenvolvido no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) Campo Comprido, em Curitiba durante o ano de 2014 a fim de implementar ações decorrentes da Especialização em Educação Ambiental com ênfase em espaços educadores sustentáveis da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Entendemos a importância do protagonismo dos sujeitos na efetivação de mudanças positivas no seu espaço de vivência, neste caso a escola, bem como a necessidade de propor ações para estas mudanças a partir da reflexão coletiva sobre as condições materiais presentes no seu cotidiano. Assim ao trabalho desenvolvido contou com a participação de professores e funcionários do CEEBJA, uma vez que, mesmo convidados, os educandos não se mostraram disponíveis para a participação.

As mudanças efetivadas na infraestrutura ocorreram em duas frentes: o trabalho voluntário dos envolvidos e as adequações técnicas necessárias à acessibilidade. A proposta de transformações do espaço implicava também na acessibilidade, numa clara referência aos espaços educadores sustentáveis.

Ao fim do projeto percebeu-se um novo entendimento por parte dos envolvidos nas suas relações com o espaço, pois no ano de 2015, os debates e melhorias continuam sem a necessidade de uma coordenação dos trabalhos. Desta forma a criação de um espaço educativo criou condições para que os sujeitos se apropriassem efetivamente do debate para a transformação de seu ambiente.

## Abstract

This article aims to explain the work of the Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) Campo Comprido, in Curitiba, during the year 2014 in order to implement actions arising from the specialization course in Educação Ambiental (Environmental Education) with an emphasis on sustainable educational spaces of the Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral (Federal University of Paraná State - Coast Sector).

We understand the importance of the role of individuals resulting in positive changes in their living space, in this case the school, as well as the need to propose actions for these changes from the collective reflection on the material conditions present in their daily lives. So the work had the participation of teachers and staff of CEEBJA, once, even when invited, the students did not show interest in participating or were not available.

The changes in the infrastructure relied on the voluntary work of the people involved and the technical adjustments necessary to accessibility, a clear reference to sustainable educational spaces.

At the end of the project it was realized a new understanding on the part of those involved in its relations with space. It was noticed that in the year of 2015 the debates and improvements have continued without the need for coordination of the work. Thus the creation of an educational space gave conditions for the people effectively participate in the debate to transform their environment.

## **Lista de abreviaturas, siglas, símbolos**

CEEBJA – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos

SEED – Secretaria de Estado da educação do Paraná

APMF – Associação de Pais, Mestres e Funcionários

APAF – Associação de Professores, Alunos e Funcionários

MEC – Ministério da Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

## Sumário

Construindo um espaço educador sustentável.....	11
Botando a mão na massa: a participação coletiva.....	17
Considerações finais.....	24

## **Construindo um espaço educador sustentável**

Ao pensar sobre o projeto de intervenção necessário à conclusão do Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em espaços educadores sustentáveis, alguns problemas se mostraram pertinentes ao debate. Debate este entendido como pontos limites e possibilidades de trabalho efetivo.

A ideia por trás deste projeto de intervenção levou em conta a especificidade do espaço de uma das escolas em que trabalhei no ano de 2014, pois foi quando a implementação do projeto iniciou-se. Num primeiro momento a decisão foi bastante complexa, pois a escolha levou em conta aspectos estruturais, financeiros, de recursos humanos, bem como questões que envolviam a pergunta “para quem é o legado”? Elaborar um projeto de intervenção apenas como tarefa a cumprir definitivamente não está de acordo com meus princípios.

Esta escolha levou em conta, portanto, decidir entre uma escola com mais de 100 anos de história, que possui uma ampla área verde e uma comunidade escolar participativa, com APMF com recursos capazes de financiar o projeto e uma escola que funciona em um espaço locado, atendendo jovens e adultos trabalhadores, com uma infraestrutura nem um pouco adequada como ambiente escolar e sem recursos financeiros<sup>1</sup>.

Antes de prosseguir é preciso esclarecer um pouco do histórico recente do CEEBJA Campo Comprido. Segundo percebi nas conversas informais na sala dos professores e outros espaços coletivos de socialização (como a cozinha e o pátio), não havia na escola uma cultura de apropriação dos espaços por parte dos docentes e funcionários da escola. A partir dessas conversas passei a conhecer um pouco sobre a administração recente da referida escola, a qual esteve durante muito tempo sob uma mesma direção, que concentrava as decisões nas suas mãos e não abria possibilidades de diálogo e de inserção de novos olhares sobre o espaço escolar. Essa permanência das experiências passadas ainda é presente na escola e pode ser percebida em diferentes momentos de decisões. Coisas simples, como mudar um armário de lugar para melhorar a circulação do ambiente, pode se tornar uma batalha. Primeiro pela necessidade que alguns ainda mantêm de perguntar tudo para a direção, como se os sujeitos que usam o espaço

---

<sup>1</sup> Lembrando que para a implementação do projeto não poderíamos contar com os recursos financeiros repassados para a escola pelo Governo do Estado, uma vez que alguns materiais e necessidades demandariam recursos financeiros que não constam nos itens permitidos pela legislação.

não pudessem se manifestar. Em segundo lugar, percebe-se junto com uma certa acomodação do tipo “já fizemos assim e não deu certo”, “você acabou de chegar e não sabe o que funciona e isso não funciona”, “o CEEBJA é assim mesmo” uma falta de iniciativa e de disposição para a mudança.

Essas conclusões se basearam na observação do papel que os docentes<sup>2</sup> e o corpo de funcionários se atribuíam, ou melhor, não se atribuíam, quando as propostas de mudanças nos espaços eram expostas. Dessa maneira, apenas um pequeno grupo apresentou iniciativa para propor novas mudanças, de acordo com as ideias que foram surgindo. Mesmo com uma pequena participação, incluindo aí, docentes que, como esta autora, estavam chegando na escola ou que viam na abertura dada pela nova direção uma possibilidade de colocar em prática projetos novos para a melhoria da escola, a participação dessas pessoas foi essencial. Enxergar o espaço escolar como um espaço coletivo em que as decisões devem levar em conta os diferentes sujeitos que o compõem, bem como as ideias individuais e coletivas vindas da experiência de quem ocupa este espaço, foi um grande passo não apenas na implementação do projeto de intervenção, mas também no reconhecimento da real possibilidade de se fazer uma gestão coletiva.

Ora, se o próprio funcional a escola não se enxerga como um coletivo pertencente aquele espaço, o que se dirá dos educandos da instituição, que não possuem um espaço adequado para seus estudos, para suas refeições e mesmo para aguardarem o início das aulas.

Para compreender melhor a necessidade do projeto implantado é necessário ressaltar que o CEEBJA funciona em um espaço locado, originalmente construído como salas comerciais. As salas de aula se situam no piso superior, cujo acesso é realizado por uma escadaria. Não há possibilidade de se adaptar acesso para cadeirantes. Existem ainda duas salas de aulas, construídas recentemente, no piso térreo. O acesso a estas salas era realizado diretamente da rua, e que acabou se modificando um pouco em consequência de algumas ações do projeto. Existem dois banheiros para alunos no andar superior. Não há biblioteca e o laboratório de informática se localiza dentro da sala dos professores, o que limita o uso dos mesmos pelos educandos, que só o utilizam em aula específica. As salas de aula são separadas por divisórias de madeira e vidro. Na área externa uma pequena cobertura protege os alunos das intempéries logo no acesso da

---

<sup>2</sup> Entendemos docentes como o conjunto formado pelos professores e pedagogos da instituição de ensino.

entrada. Na lateral do prédio, próximo as duas salas de aula, existe também uma área coberta que é utilizada para servir o lanche aos educandos.

Pensando em todas as dificuldades para o acesso aos espaços da escola, algumas modificações foram propostas. Entre as ideias estabeleceu-se a prioridade para ações que não demandassem recursos financeiros.

Nesse sentido a escolha do espaço para a implementação do projeto esteve pautada na reflexão sobre a participação coletiva e a gestão democrática na escola, baseada na conceituação proposta pelo próprio Estado do Paraná, em seus documentos orientadores, entre os quais se percebe que

Uma escola onde se prioriza uma gestão escolar democrática deve implicar necessariamente a presença da comunidade. Nesse sentido a gestão democrática prescinde de uma participação efetiva de toda a comunidade escolar e de seus atores, afim de que sejam divididas as responsabilidades no interior da escola e não fique centrada somente na figura do diretor. (PARANÁ, 2008, p.5.)

A escolha seria óbvia para muitos, mas inspirada pelas ideias da professora Lenir<sup>3</sup>, no texto inicial deste curso de pós-graduação, sobre a possibilidade de qualquer espaço ter potencial para ser educador, no sentido de ser emancipador, e também sustentável em todas as suas dimensões, bem como na possibilidade de ampliar a participação da comunidade nas decisões, decidi pela segunda opção.

Aproveitando a reflexão de Enrique Leff acerca da racionalidade ambiental e do diálogo de saberes, a escolha do local de implementação do projeto pretendeu agregar elementos que permitissem uma mudança no processo histórico de manutenção de práticas escolares autoritárias e desprovidas de diálogo.

A complexidade ambiental não apenas leva à necessidade de aprender fatos novos (mais complexos), mas também inaugura uma nova pedagogia, que implica reapropriação do conhecimento desde o *ser do mundo* e do *ser no mundo*, a partir do saber e da identidade que se forjam e se incorporam ao ser de cada indivíduo e cada cultura. Este *aprender o mundo* se dá através de conceitos e categorias por meio dos quais codificamos e significamos a realidade, por meio de formações e elaborações discursivas que constituem estratégias de poder para a apropriação do mundo. Toda aprendizagem implica uma reapropriação subjetiva do conhecimento, porém significa,

---

<sup>3</sup> SILVA, Lenir Maristela. O que podem ser “espaços educadores sustentáveis”? Texto de apresentação do Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em espaços educadores sustentáveis. UFPR, Setor Litoral, 2014. Disponível em: <<http://www.cursos.nead.ufpr.br/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=151522>>. Acesso em 30 Mar. 2015.

sobretudo, uma transformação do conhecimento a partir do saber que constitui o ser.  
(LEFF, 2009. p.20)

Nesse sentido o título do projeto “Construindo um espaço educador sustentável”, remete a um processo, ao escolher o gerúndio (uma escolha verbal péssima para qualquer início de frase ou texto, segundo uma amiga, professora de Língua Portuguesa) para indicar que este espaço sempre estará em construção e que esta será coletiva, pois todos e qualquer um pode contribuir com a “criação” este espaço. Os saberes, as experiências e práticas dos sujeitos envolvidos na ação colaboram com a construção de uma forma de relacionamento com o espaço. A possibilidade do “tempo do projeto” não ser fechado é uma das bases para se entender a opção de intervenção no meio em que vivemos.

Assim, a necessidade de se aliar a presença da coletividade, expressa pela gestão democrática, ao processo de construção de espaço e tempo proposto pelo projeto se mostrou como um grande desafio desde o início. Em primeiro lugar, por escolhermos uma escola em que não há a participação efetiva da comunidade escolar nas decisões, procuramos proporcionar, para além da discussão da sustentabilidade e da Educação Ambiental, a possibilidade de mudança nas práticas escolares, a inclusão da questão da coletividade na tomada de decisões, bem como o desafio de pensar o espaço escolar como um espaço de múltiplos conhecimentos e relações.

Concordamos com Fernandes, quando se remete à Vitor Henrique Paro em relação à gestão democrática como um desafio a ser construído coletivamente dentro da escola.

Por considerarmos que a participação não faz parte da nossa cultura, cabe lembrar Paro (...) quando enfatiza que, para além de um princípio norteador, a gestão democrática representa uma mudança no modo de entender o ato de administrar. Em uma sociedade marcada pelo autoritarismo, cujos determinantes sociais, econômicos e políticos mais amplos agem contra essa tendência, tal transformação se torna muito difícil. Para o autor, a luta por uma gestão democrática passa pela democratização das relações escolares cotidianas, ou seja, impõe a necessidade de se criarem processos inerentemente democráticos, para o enfrentamento dos determinantes mais imediatos do autoritarismo, que, no interior da escola, dificultam a participação efetiva da comunidade na gestão escolar. (FERNANDES, 2008 p.7)

Ao construir um espaço educador sustentável no qual móveis e objetos serão construídos com materiais que originalmente tiveram outro uso, levantamos a questão do uso racional dos recursos e das infinitas possibilidades que as *coisas* podem ter, como por exemplo, uma cadeira quebrada se transformar em prateleira, uma escada sem uso pode ser uma estante de livros, dois pallets e um pouco de criatividade se transformam em

cadeiras, um fundo de armário se transforma em banco e todos esses novos usos compõem um ambiente escolar mais acolhedor.

A fim de fundamentar a ideia inicial, recorreremos às orientações da Política Nacional de Educação Ambiental, expressa pela Lei nº 9795/99, que em seu artigo 1º, explicita a compreensão de que conhecimentos múltiplos, bem como a participação da coletividade são necessários para a construção dos processos que levem os indivíduos à compreensão e construção da sustentabilidade:

"entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade." (BRASIL. Lei n. 9795/1999, Art. 1º).

Ainda em relação à legislação que trata da Educação Ambiental, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, no seu artigo 2º ressalta que “a Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.” (BRASIL. MEC/CNE. Resolução nº 2. 15 Jul. 2012, p.2)

A reflexão sobre a relação do ser humano com o ambiente, com seus produtos e com o tempo, de uso, de necessidade e de descarte, da própria sociedade de consumo e da natureza do consumo, das práticas cotidianas e das mudanças e permanências percebidas ou não, na relação com a apropriação dos recursos naturais do planeta, pode ser um motivador para a ação no espaço educador sustentável.

Contudo, essa reflexão deve ser pautada nas contradições presentes nas próprias propostas de sustentabilidade, como nos alertam Morales e Hinsching:

(...) é preciso ressaltar que a discussão do desenvolvimento sustentável na Educação Ambiental aparece com um embate conflituoso, por este apresentar uma tendência econômica muito forte, ao retomar o ideário desenvolvimentista pautado em uma racionalidade instrumental. Como evidencia Leff (...), as propostas do desenvolvimento sustentável —vão desde o neoliberalismo ambiental até a construção de uma racionalidade produtiva, o que reforça a visão desenvolvimentista e economicista e uma desintegração dos valores culturais e das identidades. (Morales; Hinsching: 2010, p. 23)

Tratar de educação, seja ela no espaço formal da escola, ou nos espaços informais do mundo, em especial do mundo do trabalho e do cotidiano, já tão intrínsecos aos educandos jovens e adultos, é falar de relações de poder, de empoderamento. E que

poder é esse que tem o ser humano de se apropriar da natureza, transformá-la e descartá-la? Como a sociedade capitalista se apropria dos discursos de sustentabilidade para manter sua lógica de consumo? Que relações as pessoas estabelecem com os bens de consumo? E que futuro pode ser legado às novas gerações neste contexto? São essas algumas questões que se apresentam para o desenvolvimento de um trabalho que se originou como um desafio e se mantém como uma ação mutável e incompleta.

## **Botando a mão na massa: a participação coletiva**

Com essas ideias em mente, a proposta foi organizada para apresentação à comunidade escolar, contribuindo para preparar o terreno para as sementes do projeto, cujo objetivo principal foi criar um espaço de socialização e estudos para a comunidade do CEEBJA Campo Comprido de Curitiba.

Para a efetivação do projeto, optou-se por organizar a apresentação a partir de reuniões, com início em maio de 2014, quando a proposta foi apresentada à direção. É preciso ressaltar neste momento a direção deu o aval para que o projeto fosse implementado no estabelecimento, apenas com a clareza de que o objetivo seria a melhoria dos espaços para os educandos e profissionais da educação. Neste momento, a direção também pontuou as melhorias que seriam interessantes e quais recursos poderiam ser disponibilizados para o projeto, pois a escola conta com alguns recursos financeiros provenientes para pequenos reparos.

A partir desta conversa o projeto foi se estruturando e no final do mesmo mês apresentado para o corpo docente. Os objetivos do projeto foram apresentados em reunião com professores e funcionários. Nesta reunião algumas novas ideias surgiram e passaram a complementar a proposta inicial. A primeira discussão, apresentada na própria reunião foi a reorganização dos espaços internos, pois havia a necessidade de modificar alguns ambientes para a liberação de espaço para a organização de um espaço de leitura para os alunos. A sala dos professores, que não comporta, em nenhum turno, o número de docentes da escola também precisaria ser reorganizado, para que espaços para estudo e alimentação fossem adequados. Além disso, as propostas iniciais foram consideradas pertinentes e algumas pessoas já se disponibilizaram em contribuir imediatamente.

Abriu-se um debate sobre os pontos que o coletivo entendia como pertinentes e possíveis de serem executados. Neste momento o projeto estava ligado à reorganização de um espaço externo, mas coberto, no qual os alunos realizavam sua alimentação. Este espaço possuía cadeiras, armários fora de uso, caixas e muitos livros da reserva técnica, pois não havia um depósito na escola. Foi entrado num consenso de que os materiais seriam selecionados e reaproveitados, os livros iriam para uma sala (que estava em processo de finalização de obra) e o espaço seria destinado apenas para descanso e alimentação da comunidade escolar.

Enquanto a obra não finalizava, foi proposto também a melhoria da área externa (descoberta) com a criação de um jardim suspenso, apoiado na parede lateral do prédio, com o uso de palletes. Dessa forma, além de um espaço já definido, a comunidade poderia contar com um paisagismo, trazendo um pouco de vida ao ambiente tão cheio de concreto da escola.

Existe um pensamento que diz que quando desejamos muito algo, o universo conspira para que aconteça. Não é que é verdade! O grupo que se formou (voluntariamente) para repensar os espaços, estava levantando ideias de como conseguir os materiais que a seriam necessários para as mudanças. Surgiram várias propostas de solicitação de doações junto à comunidade escolar e o comércio local. A proposta de usar palletes para servir de base ao jardim, se ampliou com as múltiplas possibilidades que o material oferece na construção de mobiliário. Então, eis que uma manhã, esta autora estava pelo bairro e passa por uma obra de um conjunto comercial, que estava cheia de palletes. Sem pensar duas vezes, parei o carro e pedi o material, explicando o projeto. A pessoa responsável pela obra não apenas cedeu o material, mas perguntou quantos precisaríamos. Gentilmente se dispôs a guarda-los enquanto eu providenciava transporte até a escola. Conseguimos trinta palletes e uma bobina pequena. A direção auxiliar providenciou transporte e na semana seguinte o material era descarregado na escola, para surpresa de muitos e felicidade de outros.

No mês de junho, foi realizada uma nova apresentação, já com resultados das novas propostas surgidas no coletivo. Com o material em mãos, ficou mais evidente que o projeto não ficaria apenas no papel e outras ideias se agregaram. Nesta reunião de troca de ideias, na qual estavam presentes representantes da APAF (Associação de Professores, Alunos e Funcionários), ocorreu durante reunião pedagógica em junho de 2014. Nesse momento uma ideia que já havia sido discutida com a direção foi posta em debate: abrir a passagem entre os dois espaços da escola. Explico. A entrada do CEEBJA é realizada por um acesso direto da rua para um pequeno pátio. O prédio tem duas portas, um acesso para a secretaria, daí para as dependências internas usadas por professores e funcionários. O outro acesso é direto para a escada do andar superior. Para se chegar as salas de aula externas e à área na qual os educandos fazem o lanche era necessário sair para a rua e entrar por um outro portão.

Durante a reunião de junho foi sugerido que se abrisse uma passagem no muro, o facilitaria a movimentação da comunidade escolar e a segurança, pois assim só haveria

um acesso para a rua. Ideia plenamente aceita e melhorada, pois como há um desnível grande entre os dois espaços seria necessário construir uma escada. Surgiu a ideia de fazer uma escada para que o acesso de idosos e de cadeirantes fosse facilitado.

Depois da reunião um grupo de professores se reuniu e foi ver os materiais e os espaços, dando ideias, trocando informações, verificando possibilidades de uso, medindo espaços. Estava se formando um grupo muito interessado em agregar logo a participação dos alunos.

Nesse momento do projeto tínhamos como ideias:

1. Melhorar os espaços com a produção de moveis com materiais reciclados, demonstrando para a comunidade escolar as possibilidades de uso e consumo sustentável dos bens duráveis;
2. Envolver a comunidade com a escola, na realização de mutirões extraclasse;
3. Divulgar o conhecimento dos usos de plantas e ervas no cotidiano;
4. Disponibilizar um espaço adequado para que os alunos possam estudar e se reunir em intervalos de aula, bem como realizar seus momentos de alimentação.

A partir da mobilização de professores e funcionários, e com a adesão e auxílio da direção do estabelecimento de ensino, o projeto pode ter o início de sua implementação ainda no ano de 2014, contribuindo para a avaliação contínua, ajustes, melhorias, mudanças e adequações. É importante ressaltar que o apoio da direção ao projeto foi essencial para que este pudesse ser colocado em prática, assim a direção se mostrou articulada aos estudos recentes que colocam o gestor como aquele que faz “com que sua organização produza os resultados esperados, através de melhor uso possível dos recursos existentes e do desenvolvimento de soluções criativas e eficazes para superação de desafios, novos ou antigos”. (PARANÁ. 2008, p.9)

Nesse sentido, cabe explicitar que o projeto, desde seu início foi apresentado como um projeto coletivo, que dependeria de críticas e sugestões para que sua aplicabilidade, bem como, sua continuidade e fossem concretizadas.

Para apresentar aos educandos o projeto foram elaborados cartazes para divulgar as propostas e convidar aqueles que gostariam de participar. Foram elaborados também cronograma de encontros para a realização dos mutirões, durante os quais iríamos fazer a produção de móveis para o espaço, a partir de pallets, bobinas, caixotes de feira e materiais afins doados e também reciclar móveis da própria escola, para o uso atual, bem

como para diferentes usos. Estes mutirões foram agendados em sábados, definidos junto à direção.

Enquanto um grupo se organizava para o trabalho, a direção propunha junto ao setor de obras do Núcleo Regional de Educação a necessidade da abertura do muro e da construção da rampa. Como existe todo um processo a cumprir, quando os engenheiros chegaram na escola e fizeram a vistoria, descobriu-se que a rampa iria tomar todo o espaço destinado inicialmente ao jardim.

Portanto, mudanças de planos tiveram que ser realizadas e abandonou-se o projeto do jardim suspenso, ficando apenas a revitalização do jardim de canteiros que já existia no pátio de acesso da escola. Nesse momento repensamos o que fazer com os palletes e ficou definido, após a limpeza e seleção, que todos seriam destinados à construção de bancos para os alunos.

Como toda novidade exige um ajuste, o projeto foi replanejado, mas a notícia boa é que a escola também ganhou, na história da rampa, um banheiro no térreo, adaptado para cadeirantes. Isso tudo saiu rapidamente do campo das ideias para o concreto pelo empenho da direção, que mais que enviar o pedido para o Núcleo regional de Educação, articulou-se com o proprietário do prédio (que é locado) e trabalhou bastante para que as obras fossem executadas com rapidez (se bem que a sujeira e o tempo não foram os mais adequados para todos os envolvidos). Nesse caso, quem executa é o proprietário e não o Estado (caso contrário ainda estaríamos esperando).

Durante a execução das obras tivemos que aguardar, pois havia muito material de construção e movimento de pedreiros na escola. No entanto, como algumas cabeças não param, outras propostas foram surgindo: grafiteagem na fachada do prédio, criação de um mural de pastilhas nas áreas externas sem revestimento, produção de potes e vasos para as plantas, pintura de pedras em diferentes técnicas...

Algumas destas ideias foram desenvolvidas ainda em 2014, como as pedras, que os educandos da disciplina de artes produziram e doaram para que fossem dispostas no jardim. Uma das professoras também conseguiu a doação de pastilhas de uma loja de Santa Felicidade, as quais ainda estão estocadas para a produção dos murais, sendo que uma parte foi usada no banheiro novo. Outras ideias ainda estão no aguardo, pois com a greve dos professores no início de 2015, muitas ações dependem de mutirões aos sábados, no momento impossibilitadas por questões de calendário.

No final do ano, com a ajuda de muitos docentes e funcionários, e com o final das obras, conseguimos refazer os jardins, que contou com plantas doadas pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba, bem como com uma doação inesperada: o professor que ganhou o bolão da Copa do Mundo doou todo dinheiro para o projeto e pudemos comprar algumas plantas grandes para nosso paisagismo.

Outras mudanças também ocorreram com a iniciativa de se pensar um espaço educador sustentável.

O mais relevante do ponto de vista da produção de dejetos foi a substituição dos copos descartáveis por canecas. Havia na escola uma prática de servir o lanche em copos descartáveis para os educandos. A justificativa era a falta de canecas na escola, que segundo a direção, apesar de vários pedidos, nunca haviam sido mandadas para a escola. Entendemos que o espaço da cozinha era bastante precário, com muito pouco espaço, e que a pauta de merenda enviada para a escola privilegia alimentos que não necessitam de grande preparo, como biscoitos, barras de cereais, sopas e bebidas. Contudo, mesmo esses lanches têm necessidade de serem servidos em recipientes individuais. A opção da escola era o uso de copos descartáveis, o que mudou com o incentivo de buscar junto à SEED a entrega de canecas para os educandos. Os copos descartáveis também eram usados diariamente pelos professores e funcionários da escola. Mas qual a surpresa, quando ao propormos que cada um desse uma caneca para o colega, criando assim uma rede, descobrimos que a direção da escola havia presenteado cada professor e funcionário com canecas no final do ano anterior. Passamos a incentivar o uso das canecas e a direção a limitar o uso dos descartáveis.

Essa ação também possível graças à mudança da cozinha, que passou para a área anexa do prédio principal. Dessa forma a antiga cozinha foi transformada em copa, para uso dos docentes e funcionários, com armários para louças, pia, mesa, cadeiras, geladeira e micro-ondas para o preparo dos alimentos. A reorganização dos espaços foi muito importante, especialmente para os profissionais que fazem suas refeições na escola, seja no meio-dia ou no final da tarde, entre os turnos. Foi muito interessante também perceber que este se espaço se transformou num espaço de conversas e socialização entre os colegas, que já criaram, por exemplo, formas de compartilhar os alimentos, como a cesta de frutas solidária e o cantinho do chá. É claro que nem tudo é perfeito, ainda temos colegas que usam o espaço como se fosse sua casa, especialmente aqueles que tem

alguém para limpar sua sujeira, mas as regras e os pedidos de gentileza no uso do espaço ainda continuam construindo uma lógica de uso coletivo desse novo espaço.

Nossa próxima empreitada será transformar um pequeno espaço que existe no corredor de acesso em uma salinha de descanso. No retorno da greve este espaço já havia se transformado em um depósito, mas algumas boas almas que não conseguem ficar de boca fechada, reclamaram da bagunça e logo a bagunça começou a diminuir e desaparecer.

Acredito que a apropriação do espaço pelos profissionais que trabalham na escola está começando a render frutos, pois se antes as pessoas viam o espaço todo desorganizado e bagunçado, com coisas encostadas e sem uso, passaram, aos poucos, a ver aquele espaço como seu, como coletivo, e questionam as razões dele estar daquela forma.

Ainda temos um longo caminho pela frente... mas todos que resolveram embarcar no projeto sabiam que ele seria um pontapé inicial e dependeria da ação coletiva, mesmo que o coletivo seja pequeno, a continuidade da melhoria da nossa escola.

Acredito que as mudanças propostas germinaram e muitos já têm perguntado quando começaremos este ano. Existem algumas dificuldades entre as quais a minha carga horária, este ano tenho apenas um dia na escola, muitos professores novos chegaram, outros mudaram de turno e alguns saíram da escola, mas o mais importante é que muitos já perceberam que não é o projeto desta autora, mas um projeto para o CEEBJA, para que todos que usam aquele espaço para aproveitar o máximo o que a escola tem a oferecer.

Para 2015, ainda temos a continuidade da melhoria da entrada da escola. Em 2014, conseguimos refazer os jardins, melhorar os lugares para os educandos sentarem, com a construção de bancos e reparos no mobiliário existente. Ainda temos material para outros, pois queremos colocar vários bancos na entrada na escola. Previmos uma proposta de aliar os conhecimentos científicos e populares com a criação de um espaço de ervas e plantas, identificadas com seus usos. Ainda há a necessidade de melhorar a diversidade das espécies decorativas.

Mas o mais importante neste momento é a reorganização dos espaços para a disponibilização de uma biblioteca, ou melhor um cantinho de leitura. Esse espaço estava em organização, pois uma sala externa havia sido reorganizada para isso, mas teve que ser suspenso por que se descobriu que havia ratos nas dependências da escola e estes

estavam roendo os livros e revistas. No momento todos o material foi retirado, foi realizada uma dedetização e aguardamos para poder retomar a ação, se não no espaço que estava anteriormente, em outro. A criação deste espaço foi muito positiva para os educandos, que estavam criando o hábito de chegar na escola e ir para o cantinho fazer seus estudos e leituras.

## **Considerações finais**

A construção de um espaço educador sustentável passa pela articulação entre os envolvidos. Enfim, conseguimos criar um espaço educador sustentável no CEEBJA Campo Comprido? Não. Estamos muito longe disso, porque práticas sustentáveis não são construídas com um projeto. São construídas a cada dia e com o envolvimento de um coletivo. Apesar de alguns avanços vistos no ambiente de trabalho, em especial em relação à adesão de alguns profissionais com o projeto e, principalmente, com a abertura a possibilidades de pensar o ambiente de trabalho de outra forma, ainda estamos bem longe de construir uma prática ambiental sustentável.

Em primeiro lugar o projeto não atingiu os educandos ainda. A primeira etapa apenas foi cumprida, daqui para a frente será necessário, por exemplo, além de convidar novamente os educandos para participarem das ações práticas de melhorias do espaço, será essencial verificar qual o entendimento deles sobre meio ambiente.

Também é essencial verificar como os professores das diferentes disciplinas da Educação Básica abordam o tema em seus planejamentos e, principalmente, em suas aulas. Pois, se há no Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, em todas as disciplinas, a necessidade de incluir conteúdos de Educação Ambiental nas aulas, se há materiais disponíveis nas escolas, produzidos pela SEED, se há acordos e pactos firmados pelo poder público e se vivemos, como lembra Enrique Leff, uma crise, porque não estamos discutindo nossa responsabilidade nas questões ambientais.

Não estamos aqui falando em fechar a torneira quando escovamos os dentes e nem em apagar a luz quando saímos de um ambiente. Precisamos, enquanto educadores, colocar em pauta questões pertinentes a nossa sobrevivência enquanto espécie. De que formas somos responsáveis no limite da individualidade? E na coletividade? Que ações cobramos do poder público em relação aos diversos assuntos relacionados com o meio ambiente?

Acredito que a discussão sobre a Educação Ambiental não pode abrir mão da discussão sobre cidadania e participação política, sobre compreensão dos atores e do palco que em vivemos, um palco que referencias espaciais não cabem porque ele é pequeno como nossa casa e gigante como nosso planeta.

## Referências

BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm)>. Acesso em: 24 Jun. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf>>. Acesso em: 23 Jun. 2015.

MORALES, Angélica Góis Muller. Processo de institucionalização da Educação Ambiental. In: CADERNO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Paraná/SEED: 2008.

MORALES, Angélica Góis Müller & HINSCHING, Maria Aparecida de Oliveira. Fundamentos teórico-metodológicos para a formação de profissionais educadores ambientais: uma reflexão diante de experiências nos Campos Gerais. In: CADERNO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Paraná/SEED: 2010.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LEFF, E. **Racionalidad ambiental: la reapropiación social de la naturaleza.** México D.F.: Siglo XXI Editores, 2004.

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação e Realidade**, n.34 (3):17-24, set/dez. 2009.

FERNANDES, Leonilda. *Conselho Escolar: um caminho para a gestão democrática.* Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE. Umuarama: 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2195-8.pdf>>. Acesso em: 23 Jun. 2015.

TV ESCOLA. Espaços educadores sustentáveis. **Salto para o futuro**: boletim informativo: Ano XXI, n. 7, Jun. 2011.

PARANÁ. SEED/Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE/ Universidade de Londrina-UEL. **Gestão Democrática**. Londrina: 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1857-6.pdf>>. Acesso em: 23 Jun. 2015.

TORRES, Juliana Rezende. **Tese – Educação ambiental crítico-transformadora e abordagem temática freireana**. Florianópolis: 2010. 456 p. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2010.